

IMAGINÁRIO E A ESCOLA NAS PESQUISAS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

IMAGINARY AND SCHOOL RESEARCH IN SOCIAL REPRESENTATIONS



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014
p. 187-194

Osni Oliveira Noberto da Silva¹

Miguel Angel Garcia Bordas²

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo apresentar, discutir e defender a teoria das representações sociais como um método de pesquisa dos mais importantes para a Educação, sendo um dos caminhos de compreensão mais representativos que analisa a relação entre o sujeito e a sociedade. Dessa forma, ao desenvolvermos uma pesquisa utilizando a teoria das representações sociais, temos a possibilidade de obter uma maior aproximação dos conhecimentos e interpretações que os indivíduos, participantes do estudo, têm sobre sua realidade, constituindo um processo recíproco de aprendizado a fim de revelar as aparentes contradições do fenômeno estudado.

PALAVRAS – CHAVE: Pesquisa qualitativa; Educação; Representações sociais

ABSTRACT: This paper aims to present, discuss and defend the theory of social representations as a method of research of the most important for Education, one of the most representative ways of understanding that analyzes the relationship between the individual and society. Thus, when developing a search using the theory of social representations, we are able to get a closer knowledge and interpretations that individuals, study participants have about their reality, constituting a reciprocal learning process in order to reveal the apparent contradictions of the phenomenon studied.

KEYWORDS: Qualitative research; Education; Social representations

INTRODUÇÃO

Este ensaio é resultado das discussões e aprofundamentos teóricos ocorridos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia e tem como objetivo apresentar, discutir e defender a teoria das

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus IV. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Educação Física Adaptada (GEPEFA/UNEB) e integrante do Grupo de pesquisas em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais (GEINE/UFBA).

²Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid (UCM), Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (UFBA). Integrante do Grupo de pesquisas em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais (GEINE/UFBA).

representações sociais como um método de pesquisa de grande relevância para a área de Educação.

A teoria das representações sociais surgiu na França, com a obra de Serge Moscovici, a publicação de *Psychanalyse: son image et son public* em 1961. Essa obra se desenvolveu como uma vertente da psicologia social. O autor define a teoria das representações sociais como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social, (MOSCOVICI 1976 *apud* MOSCOVICI 2010, p. 21).

Ao criar o conceito de representações sociais, Moscovici inspirou-se no conceito de representações coletivas de Émile Durkheim. Entretanto, estes dois conceitos têm suas diferenciações. Segundo Guareschi (2008), o conceito de Durkheim tinha forte ligação com a cultura e entendia que as representações são transmitidas lentamente através das gerações. Para Moscovici, estudioso da sociedade moderna, as representações se constituíam de forma rápida, sendo comparadas a modismo, tinham geralmente um curto período de vida. Dessa maneira, Moscovici concebia um modelo social fluido e dinâmico, contrapondo o modelo social estático e tradicional, proposto no modelo de Durkheim.

Enquanto Durkheim se preocupou em entender a representação coletiva como um poder que obrigava uma integração social, Moscovici seguiu para o lado oposto, buscando estudar a diversidade e a variação das idéias coletivas nas sociedades modernas, em que percebia uma falta de homogeneidade social, de forma que a diversidade por si só já refletia uma desigual distribuição de poder e conseqüentemente produzia uma enorme gama de representações (DUVEEN, 2010).

CONCEITOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici (2010) explica que o ponto de partida das representações sociais está em descobrir como os indivíduos e grupos diferentes podem construir um mundo estável e previsível a partir de tal diversidade. Isso porque, para Spink (2008, p. 123), “algo comum sempre sustenta uma determinada ordem social: pressupostos de natureza ideológica, *epistêmes* historicamente localizadas ou até mesmo ressonâncias do imaginário social”.

Levando em conta que existem diferentes vertentes dessa teoria, trabalharemos neste texto o conceito de Franco (2004), para quem a teoria das Representações Sociais são “elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem”. (FRANCO, 2004, p. 171).

Segundo as contribuições de Franco (2004), as representações sociais são “importantes indicadores que se refletem na prática cotidiana” (p. 171). Pois através do discurso de um sujeito, podemos entender sua percepção de mundo, da mesma forma que podemos interpretar sua “orientação para a ação”.

Para Macedo (2004), as representações dizem respeito inicialmente ao modo como os sujeitos sociais apreendem e interpretam os dados, informações e acontecimentos, campo do conhecimento prático, do mundo que o cerca. “Desta forma, as representações estão orientadas para a comunicação, a compreensão e o “domínio” do ambiente social, material e ideal” (p. 80).

Neste trabalho, utilizaremos o conceito de interpretação presente em Sperber, (1989 *apud* SPINK 2008) em que explica que “uma interpretação é a representação de uma

representação por uma outra em virtude da similaridade de conteúdos” (SPERBER, 1989, p. 118). Ou seja, atribuímos aos sujeitos crenças e intencionalidades, dando racionalidade aos seus discursos. Para Franco (2004), “objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, ou seja uma réplica interiorizada da ação” (p. 171). A autora ainda complementa:

Sabemos que as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem (FRANCO, 2004, p. 170).

Nesse sentido, Bakhtin (2006) reforça a idéia da importância da fala como elemento de socialização ideológica, pois, para o autor, ela pode ser considerada o elemento impulsionador das modificações linguísticas, em que a palavra é local onde os valores sociais contraditórios se confrontam. Desse modo:

A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN, 2006, p. 15).

De acordo com Wagner (2008), ainda que sujeitos de um mesmo grupo social possam ser bem diferentes no que diz a respeito à personalidade, “eles se aproximam uns dos outros no que diz respeito à estrutura básica de sua experiência social comum, de seu pensamento e de sua ação” (p. 173).

Para explicar os mecanismos responsáveis pela criação das representações sociais, Moscovici (2010) desenvolveu dois conceitos: o mecanismo de Ancoragem e o de Objetivação. Ancoragem é o processo em que algo estranho, que perturba o olhar do indivíduo, por ainda não lhe ter sido compreendido, é ancorado e este algo (objeto ou idéia) é reduzido a categorias e a imagens que já lhe são comuns.

Dessa forma, o objeto ou idéia estranha, ao ser comparado a uma categoria mental pré-existente oriunda da experiência pessoal do sujeito, assume características dessa categoria a fim de se enquadrar nela, conseqüentemente, ganhando sentido. A partir deste processo, o indivíduo já será capaz de descrever para si mesmo e para as outras pessoas este objeto (ou idéia) que antes lhe era estranho. Essa classificação é importante para a mente humana porque “coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2010, p. 61). O autor explica:

Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade de nossa avaliação, nós nos fixamos nessa transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido (MOSCOVICI, 2010, p. 61).

No mecanismo de Objetivação, este mais atuante que o anterior, o objeto abstraído é transformado em objeto quase concreto, tangível, em que o significado de uma idéia ou objeto mental ganha uma imagem ou forma. Segundo Moscovici (2010), podemos facilmente observar o mecanismo de objetivação nos veículos de comunicação e nos discursos políticos.

Esses dois elementos, apesar de terem sido explicados separadamente, são interdependentes. Para Moscovici (2010), a importância desses dois mecanismos se dá no fato deles transformarem aquilo que não é familiar em familiar, quando transferem para nosso mundo

particular “onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente controlar” (p. 61). Assim, “toda representação torna real – realiza, no “sentido próprio do termo – um nível diferente da realidade. Esses níveis são criados e mantidos pela coletividade e se esvaem com ela, não tendo existência por si mesmos.” (MOSCOVICI, 2010, p. 71).

Segundo Moscovici (2004), existem três dimensões distintas e complementares que devem ser consideradas para estudar as diferenças entre os grupos sociais: a informação que diz respeito aos conteúdos concretos do objeto da representação; o campo da representação que trata da organização dos conhecimentos que cada grupo possui a respeito do objeto; e a atitude que diz respeito à orientação global do indivíduo em relação ao objeto da representação.

Assim, Franco (2004) entende que é indispensável ter conhecimento do contexto aos quais os indivíduos estão, pois, entende que as representações sociais são processos construídos historicamente, de forma que estão “estritamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas sociais” (p. 170). A autora ainda completa:

Reiterando: há que se considerar que as representações sociais (muitas vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do “senso comum”) sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições socioeconômicas e culturais. Daí a importância de conhecer os emissores não somente em termos de suas condições de subsistência ou de sua situação educacional ou ocupacional. É preciso ampliar esse conhecimento pela compreensão de um ser histórico, inserido em uma determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão crítica da realidade (FRANCO, 2004, p. 170-171).

Entre os tipos de conceitos utilizados nas pesquisas com representações sociais, destacamos, neste trabalho, o conceito de Harré (1984) apud Wagner (2008) que se interessa em analisar o sistema de conhecimento de um grupo em especial, buscando o conjunto de elementos constitutivos em uma representação, através de dados coletados em uma amostra em geral homogênea.

Conforme Wagner (2008), o conceito de Harré é a opção encontrada na maioria das pesquisas que trabalham em uma perspectiva de representações sociais. Nesse tipo de análise, as representações são entendidas como elementos formados pelo conhecimento produzido. Nesse processo, a representação coletada em cada discurso é chamada de representação prototípica individualmente distribuída dos elementos comuns e os elementos comuns em todas as representações individuais são chamados de núcleo central da representação (WAGNER, 2008).



Quadro 1 - Núcleo central da representação formado pelos elementos comuns do conhecimento das pessoas. Adaptado de Wagner (2008, p. 165)

O núcleo central é, segundo Abric (2001, p. 162) “o elemento fundamental da representação, pois é ele que determina ao mesmo tempo a sua significação e a sua organização”. Para o autor, o núcleo central tem como características a rigidez, e estabilidade, de forma que ele organiza o sentido geral da representação.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO

Em qualquer pesquisa na qual houver a vontade de captar a ação do ser humano relacionados aos sentidos que o são inerentes, acaba sendo inevitável a necessidade de utilizar as representações sociais e consequentemente o imaginário social que submerge da experiência vivida, de modo que a constituição de um imaginário social ocorre, no momento em que as representações são sentidas por indivíduos numa mesma situação ou condição social. (MACEDO, 2004).

Portanto, o imaginário criava a instituição, a cria, a mantém e a transforma, é instituído e instituinte, pertence, portanto ao âmbito da complexidade da emergência humana; sendo singular, é relacional por consubstanciar-se numa rede simbólica; apresenta-se e vela-se por ser dotada de uma face opaca ontológica, é movente e contraditória, por constituir-se na e com a história (MACEDO, 2004, p. 81-82).

Macedo (2004) explica que “o ato de representação é um ato pensado, pelo qual um sujeito reporta-se a um objeto. Trata-se de um conteúdo cognitivo concreto de um ato pensado, que se liga simbolicamente a alguma coisa” (p. 80). Ainda dialogando com o mesmo autor, Macedo entende que a teoria das Representações Sociais acerca do imaginário socialmente fundante, faz da Educação uma área extremamente produtiva para estudos teóricos e aplicados, “enquanto criação sócio-imaginativa instituída e instituinte” (p. 82).

Duveen (2010) explica que Moscovici utilizou as Representações Sociais de forma a recuperar e enriquecer as tradições em psicologia social que foram eclipsadas pelo individualismo teórico, associado ao Behaviorismo, já dentro da psicologia social, o estudo referente à criança em idade escolar sempre foi alvo de um interesse menor dos pesquisadores.

Entretanto, se observarmos a forma como a criança incorpora e internaliza as estruturas do pensamento da comunidade em que vive, tornando-se assim sujeito participante da mesma, perceberemos um vasto campo de investigação e de produção do conhecimento balizado na teoria das Representações sociais. Isso porque a “criança nasce em um mundo que já está estruturado pelas representações sociais de sua comunidade, o que lhe garante a tomada de um lugar em um conjunto sistemático de relações e práticas sociais” (DUVEEN, 2010, p. 265).

A escola, juntamente com a família, surge nesse contexto como um importante indutor de representações para a criança, onde na cotidianidade do meio escolar, aparecem representações que merecem ser registradas e que influenciam diretamente as relações sociais postas: professor – aluno, aluno – aluno, direção – aluno, direção – professor e professor – professor. Por isso, para Bourdieu (1973):

Todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe são produtos de condições objetivas idênticas. Daí a possibilidade de se exercer, na análise da prática social, o efeito de universalização e de particularização, na medida em que eles se homogeneizam, distinguindo-se dos outros. (BOURDIEU, 1973, p. 180).

Vigotsky, um dos principais autores que trazem a discussão acerca da relação entre o imaginário, representações sociais e educação, argumenta que; tudo que emerge internamente do sujeito, do ponto de vista dos seus processos psicológicos, são internalizações que foram estabelecidas externamente, através de processos cooperativos nas relações sociais. Para que essa cooperação ocorra, Vigotsky indica a utilização de instrumentos, chamados de signos, que

medeiam as relações sociais. Esses signos podem ser desde ferramentas até instrumentos simbólicos, jogos, brincadeiras etc.

Inicialmente, a criança em idade escolar figura como objeto para representações de gênero que outros sustentam, e é apenas gradualmente que ele começa a internalizar estas representações. Ao assim o fazer, a criança também chega a identificar sua posição própria dentro de um mundo estruturado por representações. Desse modo, a criança, através dos signos e na interação com os sujeitos mais próximos (família, amigos, professores) vai de forma progressiva internalizando todas as práticas coletivas de sua sociedade (DUVEEN, 2010).

Um exemplo citado por de Abreu (1993) *apud* Duveen (2010) explica que frequentemente nós não consideramos que a internalização de representações sobre matemática, pela criança, esteja ligada a uma identidade social específica. Entretanto essa falta de consideração pode ser de fato o caso. Outro exemplo seria a identidade de gênero que é culturalmente criada, acaba sendo reproduzida na escola ainda hoje, através da noção dos diferentes elementos corporais, por exemplo, o futebol sendo prática prioritária dos meninos e as meninas que tentam participar desse jogo muitas vezes são colocadas em situação de estranheza.

Tanto a questão da forma de matemática que a criança internaliza quanto à questão do gênero e do futebol estão ligadas à sua identidade como membro de um grupo social marginalizado. Isso pode levar a uma relação de conflito na escola. Quando nós apreciamos as consequências de dificuldades e fracasso na escola, o sentido das representações, no qual elas expressam, demonstra uma identidade social aparente.

Para Alves-Mazzoti (1994, p. 76), o professor tem uma função preponderante na criação das representações sociais de seus alunos, onde ele explica que:

Enquanto grupo sócio-profissional, construímos nossas próprias representações e, em função delas, construímos nossas práticas e as impomos aos alunos, na suposição de que sabemos o que é bom para eles. Se o conhecimento das representações sociais, as de nossos alunos e de suas famílias, bem como das nossas próprias, puder nos ajudar a alcançar uma maior descentração no que se refere aos problemas educacionais, já terá demonstrado sua utilidade.

Gilly (1989), um dos principais teóricos que estuda as representações sociais na educação, apresenta a importância da teoria para as pesquisas no ambiente escolar:

(...) as representações sociais, enquanto sistemas autônomos de significações sociais, são fruto de compromissos contraditórios sob a dupla pressão de fatores ideológicos e de restrições ligadas ao funcionamento efetivo do sistema escolar, sendo que o peso destas últimas parece tão mais forte que os indivíduos são diretamente afetados por, ou implicados nas, práticas cotidianas. Vê-se, então que, face a uma instituição que está longe de realizar nos fatos as mudanças esperadas, os indivíduos se apóiam, para guiar e justificar seus comportamentos, em sistemas representacionais que privilegiam mais freqüentemente elementos e esquemas de forte inércia (p. 382).

Desse modo, no momento em que compreendemos as representações sociais emanadas dos diferentes sujeitos envolvidos na escola, entendemos a sua complexidade, os processos constituintes e constituídos, suas contradições, suas ações constituintes de seu cotidiano, possibilitando através dos dados coletados pelo pesquisador elucidar problemáticas os quais muitas vezes ficam eclipsadas em uma análise menos aprofundada e assim descobrir as interferências que afetam o processo educativo.

Entre os temas que utilizam as representações sociais, citamos alguns: percepção, representação ou discursos dos diferentes sujeitos, professores, alunos, funcionários, comunidade externa acerca das diferentes temáticas, tais como relação pedagógica, relação afetiva, violência, drogas, evasão, sexualidade, gravidez na adolescência, ensino superior entre tantas outras diferentes temáticas. Por intermédio dessas relações, teremos uma extraordinária

gama de combinações de estudos que o pesquisador pode adotar considerando o contexto histórico-social da escola que será investigada.

CONCLUSÕES

Reconhecendo a escola como uma importante instituição social e ideológica, tentamos demonstrar que a teoria das representações sociais é um dos caminhos de compreensão mais importantes no que diz respeito a analisar as relações e contradições existentes no ambiente escolar. Por entender que as representações sociais são consideradas as teorias do senso comum, as técnicas de análise utilizadas nas pesquisas em representações sociais, procuram expor a associação de idéias que aparentemente não se manifestam (SPINK, 2008).

Ao desenvolvermos uma pesquisa, utilizando a teoria das representações sociais, temos a possibilidade de obter uma maior aproximação dos conhecimentos e interpretações que os indivíduos participantes do estudo têm sobre sua realidade, constituindo um processo recíproco de aprendizado para revelar as aparentes contradições do fenômeno estudado.

Esperamos que este texto não deva ser considerado uma camisa de força teórica, mas tivemos apenas o objetivo de apresentar uma dentre muitas possibilidades metodológicas envolvendo Representações sociais e defender esta teoria como um importante método de pesquisa no campo da Educação.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, J. (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação**. Revista Em Aberto, Brasília MEC-INEP, ano 14, n° 61, jan/mar. 1994, p. 60 a 78.

[BAKHTIN, Mikhail](#). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição. São Paulo: Hucitec. 2006

BOURDIEU, P. **Skisse d'une Théorie de la Pratique**. Paris: Librairie Droz, 1973.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. Cadernos de pesquisa, V. 34, n° 121, Jan/Abr de 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. "Sem dinheiro não há salvação": ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**, 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GILLY, M. Les représentations sociales dans le champ éducatif. In. JODELET, D. **Les représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: Presses Universitaire de France, 1989.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. 2ª Ed. Salvador: Edufba, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son publique**. 3ª Ed. Paris: PUF, 2004.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**, 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**, 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Recebido em: 23/10/2013

Aprovado para publicação em: 05/02/2014